

POLÍCIA E JUVENTUDE: PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS QUE DEMARCAM RELAÇÕES CONFLITUOSAS ENTRE A INSTITUIÇÃO E O SER JOVEM

Autora: Rachel Paula de Souza Machado¹

Resumo

O presente trabalho visa compreender as representações sociais dos policiais civis sobre os jovens em conflito com a lei no município de Seropédica, Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. Objetiva ainda compreender qual é o perfil traçado pelos policiais a respeito destes jovens envolvidos com ilicitudes. Foi utilizada, como metodologia empírica, a entrada na 48ª Delegacia Policial, para que fossem realizadas, entrevistas com diferentes agentes policiais ocupando diversos cargos dentro da DP. Alguns apontamentos são feitos sobre a estigmatização e criminalização da juventude pobre no Brasil; e destaca determinadas pesquisas que tratam das representações sociais de jovens sobre as atuações policiais.

Palavras-Chave: Criminalização, Juventude, Polícia, Representações Sociais, Estigmatização

Police and youth: perceptions and social representations determining the conflict relations between the institution and the young

Abstract

This paper aims to understand the social representations of civilian police officers on young people in conflict with the law in the city of Seropédica in Rio de Janeiro/Brazil. It also aims to understand the profile of these young people involved with illicit acts traced by the police. As an empirical methodology, the entry into the 48th Police Station was used to conduct interviews with different police officers occupying several positions within the police station. Some notes were made on the stigmatization and criminalization

¹ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, atualmente cursando mestrado em Ciências Sociais no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pesquisadora e Bolsista da CAPES. E- Mail: queldesouza@hotmail.com. CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 25 (2017), pp. 1-296.

of poor youth in Brazil; and we highlight some research that deals with the social representations of young people about the police actions.

Keywords: Criminalization, Youth, Police, Social Representations, Stigmatization

Introdução

O envolvimento de jovens com atos considerados ilícitos chama atenção da sociedade em diferentes aspectos, pela baixa idade dos jovens, pelas relações familiares, o envolvimento com o “tráfico de drogas”, etc. Entretanto a repercussão midiática de crimes cometidos por adolescentes é um dos grandes fatores por transformar essa questão em um “problema social”. Esta pesquisa, feita no desenvolvimento da minha monografia, se propõe a compreender quais são os discursos e representações sociais, de policiais civis no tocante ao grande envolvimento de jovens com atos legalmente reconhecidos como ilícitos. Suas reflexões pessoais, no que diz respeito a perceberem ou não, algum tipo de estigma atribuído à determinados jovens e possível influência deste estigma na carreira criminal juvenil. Nesse sentido, a pergunta que move este trabalho é: Qual o perfil dos jovens em conflito com a lei, segundo os policiais civis de Seropédica?

A partir de entrevistas, a pesquisa teve pretensão de perceber e analisar o que pensam sobre o perfil dos jovens que cometem infrações e aqueles que sofreram homicídio, principalmente no município de Seropédica (RJ), especificamente dos policiais civis da 48ª Delegacia Policial, localizada no município de Seropédica. Para tanto, foi criado um roteiro de entrevistas, aplicado a nove policiais civis no mês de setembro de 2016. Se faz necessário, salientar, que a escolha da Polícia Civil para a pesquisa, ocorreu, pelo tipo de ação destes agentes. Os policiais civis são aqueles que recebem denúncias, e investigam o caso até que possa ser mandado para o âmbito jurídico. Além disso, eles possuem contato direto com os indivíduos que foram detidos e tiveram a liberdade retirada. Além da pesquisa empírica, foi feita pesquisa bibliográfica, que possibilitou, as presentes discussões acerca das relações sociais conflituosas, envolvendo a juventude e sua relação com a Polícia. Assunto este que dará início ao presente artigo.

1. A relação Polícia e Juventudes, segundo a perspectiva dos jovens

1.1. A ABORDAGEM POLICIAL

A abordagem policial se configura uma forma de interação entre sociedade civil e Estado.

Esta é uma relação estabelecida diretamente entre o policial e o cidadão abordado. “As CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 25 (2017), pp. 1-296.

abordagens policiais constituem interações sociais rotineiras entre o cidadão e o policial, que podem traduzir de certa forma as relações complexas entre a sociedade civil e o Estado” (SILVA, 2009, p. 7). No entanto, ao fazer a abordagem, o policial, é garantido pela legislação do Código de Processo Penal para julgar subjetivamente o sujeito que deve abordar ou não. A isto, é dado o nome de “Discrecionalidade”, uma determinada liberdade para que o administrador público aja de acordo com o que julgar conveniente e oportuno diante das diversas situações. (Trad, 2016).

Desta forma, os policiais detém liberdade de escolherem aqueles cidadãos que querem revistar. Ao fazerem esta escolha, os policiais usam critérios por eles estabelecidos. Segundo o Manual de abordagem e revista a pessoas, de Cláudio Armando Ferraz (2008) a abordagem é feita para isolar e conter a pessoa encontrada com evidências seguras ou em fundada suspeita, para que ela não possa causar nenhum dano ao policial e nem à sociedade. A fundada suspeita, de acordo com o manual de abordagem e revista a pessoas², não pode ser baseada na mera opinião do policial, e sim em elementos concretos que indiquem a necessidade da revista, para que arbitrariedades sejam evitadas.

“A abordagem policial consiste em um procedimento complexo, que se constitui de duas dimensões interdependentes entre si, a saber: a técnico-operacional e a subjetiva – discricionária. A primeira, que é formada pelos componentes relativos à técnica policial propriamente dita, se sobressai no discurso dos policiais militares. A segunda, composta por valores e concepções sociais classificatórias que norteiam a definição do perfil do suspeito, ganha relevo no discurso dos jovens sobre o procedimento.” (TRAD, 2016, p. 66)

1.2. ABORDAGEM POLICIAL E JUVENTUDE

Silvia Ramos e Leonarda Musumeci em seu livro: “Elemento Suspeito abordagem policial e discriminação na cidade do Rio de Janeiro” tinham como objetivo, conhecer quais as experiências da população carioca no que tange as abordagens policiais quando postos em contextos de abordagem policial ou de blitz, as autoras queriam compreender variações nestas experiências de acordo com diversos segmentos sociais e ainda como que estas experiências afetavam suas percepções sobre o trabalho do policial. Ainda tinham como um segundo objetivo, conhecer quais os critérios e métodos, e possível filtragem social e racial na definição daqueles indivíduos que seriam tornados elementos

² Produzido por uma parceria do Instituto de Segurança Pública, com a Secretaria do Estado de Segurança, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, e a União Europeia. CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 25 (2017), pp. 1-296.

suspeitos, ou seja, quais pessoas teriam mais probabilidade de serem abordadas pelos policiais militares. Desenvolveram métodos quantitativos e qualitativos. Entre estes, grupos focais, com adolescentes e jovens universitários, de diferentes regiões da cidade do Rio de Janeiro.

“Nas experiências relatadas pelos participantes dos grupos focais, ‘juventude’ se combina com características que afetam a probabilidade e a qualidade de uma abordagem policial.” (RAMOS; MUSUMECI, 2005, p. 76)

Então, diferente do que o Código de Processo Penal (1987) diz sobre a fundada suspeita, os policiais usam o termo: “elemento suspeito” como jargão (RAMOS; MUSUMECI, 2005), acionam seus dispositivos e suas representações sociais a respeito dos indivíduos que por eles se tornam suspeitos, estes dispositivos incluem de maneira quase que necessária ser jovem, visto que, segundo a polícia, a juventude, abarca a possibilidade de delitos e por isso são criminosos em potencial. Mesmo porque para os policiais, diversos símbolos identitários de determinada cultura juvenil, são considerados como elementos essenciais para tornar alguém suspeito.

“O tipo ideal do indivíduo suspeito, o peba, é a figura de um homem, pobre, jovem, com tatuagem/brincos e negro que traja roupas folgadas (bermudão e camisa com número nas costas e, geralmente, do grupo musical RACIONAIS MC’s) com boné. Geralmente essas vestes são usadas por pessoas que se identificam com o movimento do Hip Hop. Nessa lógica, o tipo ideal da vítima ou de um indivíduo não-suspeito é a figura da mulher, branca, idosa, trajando roupas que estão dentro do esperado para uma senhora (saias longas, camisas com mangas, sem maquiagem ou com maquiagem discretas, entre outros).” (SILVA, 2009, p. 98)

“Peba”, é explicado pela tese de mestrado de Gilvan Gomes da Silva, 2006, como aqueles indivíduos que tem o “tipo ideal do indivíduo suspeito”, estes indivíduos são chamados deste modo pela Polícia Militar do Distrito Federal, como o mesmo explicou na citação acima. Portanto a polícia tem muito bem delimitada em seu senso comum, quais sujeitos devem ser abordados, quais sujeitos ela tornará suspeito. É importante que se saliente de tal modo que a polícia torna os indivíduos suspeitos, já que preliminarmente, eles não o são.

Desta forma, cria-se uma relação conflituosa entre policiais e jovens.

“Na visão dos jovens, entretanto, emergem outras facetas da percepção sobre a abordagem policial, a exemplo de representações acerca deste procedimento policial como principal elo entre segmentos pobres da juventude pobre, o Estado e seus agentes em bairros periféricos dos

grandes centros urbanos, figurando como um dos dispositivos de controle social em ‘espaços de suspeição’”. (TRAD, 2016, p. 54)

Os jovens produzem representações sociais acerca das abordagens policiais, compreendem como um dispositivo de controle social da vida urbana, visto que, as investidas policiais são o elo, a relação entre o Estado e os segmentos da juventude, principalmente, da juventude periférica. Surge o conflito entre os jovens e a polícia. Os jovens rotineiramente são abordados nas ruas de maneira hostil e sem justificativa. Claramente a relação de jovens negros e pobres com a polícia, é uma relação conflituosa e de insegurança. Porém, jovens de classe média/alta, também passam por situações constrangedoras com a polícia, levando-os a terem uma relação de desconfiança e de tensões com a instituição policial. Ainda nos grupos focais, Ramos e Musumeci:

“Em todos os grupos, concluiu-se que ambos são suspeitos, embora por diferentes motivos: um jovem negro e pobre andando a pé em um bairro de classe média é visto pela polícia como provável assaltante ou traficante, tornando-se candidato a uma abordagem violenta, enquanto um jovem branco com aparência de classe média, em um carro, dentro ou próximo de uma favela, é visto como possível usuário adquirindo drogas e torna-se candidato à extorsão.” (RAMOS; MUSUMECI, 2005, p. 76)

A cor da pele do jovem é mais um elemento para que ele se torne suspeito. De acordo com Ramos e Musumeci (2005), existe uma expressão que seria mais um jargão utilizado pelos policiais militares para se referirem a suspeitos pretos ou pardos. “Elemento suspeito de cor padrão”, esta expressão mostra como ser negro implica em ser tornado suspeito. Nos grupos focais, os jovens desenharam em conjunto e foram descrevendo verbalmente como seriam os indivíduos suspeitos que as autoras chamam de “típicos”, seis dos oito desenhos e comentários encontram-se no livro. Destes, seis, cinco são descritos como homens negros, o outro desenho é uma mulher, porém não entraram no mérito da cor ou raça da mesma. Para as autoras, a cor dos indivíduos, foi identificada como característica irreduzível nas percepções dos jovens quando se fala da seletividade na abordagem policial. Seletividade esta, que vai de encontro com o artigo “A filtragem racial na seleção policial de suspeitos: segurança pública e relações raciais” (Jacqueline Sinhoretto, 2014), fala sobre a existência da filtragem racial na abordagem policial, salientando a ausência de neutralidade nos mecanismos de escolha.

“(...) ‘Ser negro’ aparece no topo da hierarquia das condições consideradas mais suspeitas nos dois grupos de universitários, tanto de negros como no multirracial.” (RAMOS; MUSUMECI, 2005, p. 82)

Para os jovens, segundo Ramos e Musumeci (2005), mais importante do que a cor ou a raça do próprio policial, é a cultura da corporação com a qual se identificam, de modo que, não importa se o policial é branco ou negro, o “elemento suspeito de cor padrão” sempre vai ser o jovem negro.

“Para os jovens entrevistados, a abordagem policial assume no cotidiano das interações entre policiais militares e jovens habitantes das periferias urbanas, feições de constrangimentos rotineiros decorrentes da posição social de suspeito e da proximidade simbólica que o procedimento os coloca em relação ao universo do ‘vagabundo’.” (TRAD, 2016, p.57)

As percepções que os jovens desenvolvem dos policiais passam pela esfera da insatisfação pelo modo como são tratados, mas vai além. Os jovens não confiam na polícia. “Dizem que por ela não se sentem protegidos, que a relação entre eles é ‘péssima’, que eles a ‘odeiam’, e acusam os policiais de serem grosseiros, agressivos, violentos e deles receberem maus-tratos.” (Andrade, 2007, p. 209). Além disso, os jovens entendem que os policiais sempre permanecem impunes diante dos maus tratos e crimes cometidos. O abuso de poder ocorre e o policial se mantém ileso, acarretando na revolta do jovem para com a instituição policial.(Andrade, 2007).

“Como disse, os policiais são acusados de extorquir, durante as revistas, dinheiro e uma série de objetos dos jovens. Esta situação está articulada, em alguns casos, à “forja de flagrante” de drogas. Em outros casos, os policiais são chamados de ladrões e drogados, exatamente porque tomam as drogas dos jovens para consumo próprio.” (ANDRADE, 2007, p.237)

Os jovens acusam os policiais de extorsão, sendo um tipo de gangue institucionalizada, que se une ao tráfico de drogas por vezes e seguem impunes. Seguem criminalizando, praticando maus tratos e executando jovens deliberadamente apoiados na impunidade garantida pela sua Instituição e pelo Estado.

A relação polícia-juventudes, portanto, se dá em sua maioria, através de abordagens policiais, sendo esta, uma das principais comunicações entre o Estado e este segmento de pessoas. Porém, a Instituição policial, desde a preparação de seus servidores, tem um senso comum com dispositivos que são acionados ao abordarem um indivíduo nas ruas. Todavia, estes dispositivos tornam jovens suspeitos, alguns mais do que outros. Jovem, CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 25 (2017), pp. 1-296.

homem, pobre e negro, é o tipo ideal do elemento suspeito. Toda esta hostilidade e impunidade, por parte da polícia, gera no jovem uma falta de confiança grande na Instituição policial. Ademais, faz com que os jovens vejam os policiais como gangue, baseado nos crimes que a polícia comete e permanece sem a devida punição. Os jovens temem sofrer ou por maus tratos ou por extorsão tamanha desconfiança na relação com a polícia.

Depois de exposto a relação conflituosa entre a Polícia e a juventude a partir de referências bibliográficas onde os jovens foram ouvidos e demonstraram sua insegurança a partir de atos advindos da instituição, me dedicarei à exposição da pesquisa empírica, onde pude ouvir as percepções de alguns policiais civis a respeito dos jovens³ que de algum modo cometeram atos considerados ilícitos.

2. PESQUISA DE CAMPO – 48ª DELEGACIA DE POLÍCIA

2.1. COMO SE DEU A CHEGADA AO CAMPO

Adentrei na 48ª DP, esperando determinada resistência por parte dos agentes policiais, visto que existe tamanha distância entre as carreiras profissionais. Para minha surpresa, os policiais foram por demais prestativos, desde o momento que eu fui pedir apenas informações iniciais, de como dar entrada no campo, saber se precisaria de autorização, e como fazer para consegui-la, até o momento de pararem seus serviços para me darem entrevistas, me mostrarem o funcionamento de seus cargos e da delegacia como um todo.

Quando ainda levava documentos e esperava ser despachada a minha autorização, feita pelo delegado titular, para dar início as entrevistas, dois policiais me ofereceram carona para voltar para casa. Deste modo, pude ouvir suas representações sobre o sistema prisional, que para eles, assim como para muitos dos agentes é um sistema falido. Me explicaram ainda, o funcionamento e a estrutura de cargos dentro da delegacia. Relataram que a disposição dos cargos é feita de acordo com a necessidade de pessoal. Então, independente do cargo para que prestaram concurso, todos podem trabalhar nos cargos dentro da delegacia. Também me explicaram que a 48ª DP, é uma central de flagrantes. Ou seja, recebe os flagrantes dos municípios de Paracambi, Itaguaí, Queimados e Japeri, além do município de Seropédica. Este tipo de central, por receber flagrantes, conta 24

³ Considera-se jovem no momento, aqueles maiores de 18 anos, quais os policiais tem algum contato na Delegacia de Polícia.

horas por dia com a presença de algum delegado. Além disso, dispõe do pessoal que trabalha por plantão e os que trabalham por expediente.

Neste período de espera pela autorização, levando documentos, conheci um policial que me explicou como funcionava os horários, os mais movimentados, mais calmos. Ele acompanhou meu processo até ser despachado, e ia me informando via *whatsapp*, ou pessoalmente, lá na delegacia. Não demorou muito tempo, meu pedido foi despachado pelo delegado titular, permitindo assim, a minha entrada na delegacia, para coletar entrevistas e observar o trabalho dos policiais e a estrutura da DP.

Ao chegar para fazer as entrevistas, com um total de nove (9), logo pela manhã, pois fui informada que era um horário mais calmo, onde os policiais poderiam me dar mais atenção. Comecei a falar seguidamente com diferentes agentes, que prontamente, me indicaram aos demais que poderiam me interessar, além de falarem entre si para virem ser entrevistados por mim. De fato, a receptividade deles me surpreendeu. Alguns me mostraram e me explicaram, claro, dentro das possibilidades como fazem para chegar em investigações, que pelo informado, tem um ciclo de cerca de um ano para ser concluído. Ao me mostrar o espaço da DP, Fabrício⁴, um dos policiais entrevistados, me perguntou se eu gostaria de conhecer o espaço onde estavam dispostas as celas. Porém, salientou que tinha três (3) presos lá dentro, aguardando para serem levados para o complexo penitenciário de Bangu. Eu, prontamente, não hesitei em aceitar conhecer as dependências onde se encontravam as celas. Meu objetivo naquele momento, era guardar na mente o máximo de informação possível a respeito daquele ambiente. Então, observei que a DP dispõe de duas (2) celas, pequenas, com uma espécie de mictório no chão, uma grade horizontal no alto das celas. Quando possível, eles separam homens e mulheres, mas nem sempre, pela quantidade de pessoas que foram presas. Sobre a alimentação, Fabricio relatou que o estado manda verba para a alimentação dos presos, que recebem almoço, janta, e sobre o café da manhã, Fabrício não sabia dizer com precisão se eles recebem ou não. Quando a DP, por algum motivo não recebe a verba, os policiais entram em contato com a família, que é autorizada a levar alimentação para os presos.

Já tinha encerrado as entrevistas e estava indo embora, quando na porta, um policial me abordou, perguntando se eu era aluna da Rural⁵. Quando eu disse que sim, ele me

⁴ Todos os nomes dos agentes citados se tratam de nomes fictícios.

⁵ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 25 (2017), pp. 1-296.

respondeu dizendo odiar os alunos da Rural. Odiava por eles julgarem o trabalho da Polícia sem conhecer, falou que não tem boas experiências com alunos da Rural, e disse ser muito bom a minha ida até a delegacia, para que eu pudesse ter contato com a realidade deles, e ver o trabalho que eles desenvolvem.

Posto isso, nesta seção se evidenciará, quem são os jovens envolvidos com ilicitudes em Seropédica e na Baixada Fluminense de modo geral, segundo os Policiais civis da 48ª Delegacia Policial do município de Seropédica. Lembrando que, foi desenvolvido um roteiro de perguntas feitas para nove policiais civis, que se dividem entre os cargos de investigador, inspetor, oficial de cartório, além do delegado. Seu tempo de carreira na polícia civil varia de dois meses até vinte e sete anos. As respostas foram separadas pelos assuntos à serem discutidos adiante.

2.2. ENVOLVIMENTO, TIPIFICAÇÃO, FATORES E PERFIS QUE OS POLICIAIS CIVIS ATRIBUEM AOS CRIMES MAIS COMETIDOS EM SEROPÉDICA E NA BAIXADA FLUMINENSE.

Os policiais, de maneira mais geral, constantemente relacionam o uso de drogas ao cometimento de atos infracionais. Para eles, os jovens tem um grande envolvimento com crimes, tendo como porta de entrada para o “mundo do crime⁶”, o uso de drogas ilícitas. Criminalizam a utilização de “entorpecentes” e selecionam, através da ficha criminal, fonte de renda, local de moradia entre outros, aqueles que serão punidos por este crime (Zaccone, 2006). Esta seleção contribui ainda mais para a criminalização e desumanização da juventude pobre e negra no Rio de Janeiro.

Sobre o grau de envolvimento e a tipificação dos crimes que os jovens mais cometem, e fatores que podem ser atribuídos a estas ações, os policiais civis deram as seguintes opiniões:

“Olha, realmente eu acho que é a maioria eu acho até, dos flagrantes, por exemplo, que tem aqui, envolve jovens mesmo. A maioria, dos procedimentos que a gente pega são jovens, então são bastante envolvidos mesmo. Infelizmente. Os crimes mais corriqueiros, ameaça tem também, e tráfico né?! Mas é tráfico mais naquela questão do

⁶ Expressão constantemente usada pelos policiais civis entrevistados.
CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 25 (2017), pp. 1-296.

radinho né, que a gente chama, mais assim mesmo, mais aqueles que a gente diz soldadinho do tráfico.” (Entrevista com a agente Luciana)

“(…) Acho que o jovem deve ser mais de 60% né, a grande maioria, mais de 65%, o jovens principalmente homens. E essa faixa etária principalmente né, por que eu acho que a ideia de maior a inconseqüência né, e quando não tem muita noção de perigo não tem muita vontade, e eu acho aqui não tem muita atração né, não sei se tem muita atração pros jovens, não tem muita coisa pra fazer, e isso comina que eles são, acredito eu que seja um dos fatores pra que eles sejam seduzidos para o crime né, pra criminalidade. Furto, roubo, né e infelizmente é o que mais tem né, furto, roubo, é... Aí na sequêcia, vem estupro né, associação ao tráfico, grande maioria acredito eu, que seja isso, maior incidência.” (Entrevista com a agente Patrícia).

Existem alguns agentes policiais, que diferente destes, acreditam, que o grau de envolvimento de jovens com o crime em Seropédica ultimamente está baixo. No entanto, permanece a unanimidade, que, a nível de Baixada Fluminense, os jovens são em grande parte envolvidos com atos ilícitos.

“Bom, aqui em Seropédica, ultimamente não tem tido muito crime não. Entendeu? Tá [sic] bem tranquilo, não sei se por que a milícia aí a gente tá sabendo que tem avançado.” (Entrevista com o agente Fabrício)

“Aqui em Seropédica até que não tem muita incidência, mas como nós somos central de flagrantes, a gente recebe os flagrantes de outras quatro delegacias além da nossa. O que a gente vê na maioria, é tráfico e roubo. Isso aí sem dúvida nenhuma.” (Entrevista com o agente Cláudio)

Ao citar as variáveis que poderiam atribuir ao cometimento de tais crimes pelos jovens, os policiais fizeram questão de salientar a ideia de que “nada justifica cometer um crime, mas...” então davam continuidade a sua fala.

“Eu acho que esses fatores estão atribulados [sic] a milhões de coisas né, a gente não pode determinar uma, acho que nada justifica enfim, mas se você olhar pra baixada né, é bem complicado, é uma realidade totalmente diferente, tem lugares aqui que parece que é tudo esquecido, que ninguém vê, então não sei se isso pode influenciar alguma coisa mas, ‘po’ os caras tão [sic] isolados do mundo, não tem nada se você olhar aí por dentro, a própria Seropédica mesmo... parece que são dois Rios de Janeiro totalmente diferentes, totalmente diferente entendeu?! Então essa, falta de organização, essa ausência do Estado ali parece que influencia um pouco assim não tem escola não tem educação, não tem nada, a Baixada é complicada.” (Entrevista com o agente Paulo)

“Como eu te falei, muita gente diz: ah! Porque são pessoas carentes que moram na favela, que não tiveram oportunidades e ‘nanana’... Se você

for pensar assim, 100% daquela comunidade deveria ser traficante. Entendeu? Então por que que há um desvio? Por quê que 10% são marginais e os 90 não? Entendeu? Então eu acho que isso passa por uma questão mais de personalidade mesmo, e outro fator que, não sei qual é a sua opinião acerca disso, mas droga. Tudo passa pelo consumo de droga. As vezes é até uma pessoa, tal tal [sic], mas começa a consumir droga, começa viver num ambiente diferente, por que quem consome a droga vai comprar droga, acaba se misturando, convivendo com os traficantes, acaba se envolvendo com aquele meio e quando vê já tá dentro. Por que consegue a droga fácil, as vezes não tem dinheiro pra comprar droga e aí tá [sic] ali! Se você trabalhar, ficar ali com o radinho só pra avisar quando a polícia chega, ‘ce’ vai ganhar tanto. Aí ali ele já consegue a droga dele.” (Entrevista com o agente Cláudio)

O grupo de policiais entrevistado, falou ainda se, na sua opinião, há diferença entre crimes cometidos por jovens com idade mais nova e jovens com idades mais avançadas.

“Ah tem. Assim, são responsabilidades diferentes, ninguém vai dar um fuzil na mão de uma criança, de 15, 16 anos. Não vai dar, então o mais velho, tende a prender em circunstancias mais complicadas, mas o crime que eles cometem é o mesmo. E hoje em dia o jovem mais novinho tá ficando até mais valente que o mais velho.” (Entrevista com o agente Cláudio)

“Cara, vou te falar, eu acho que não nos crimes, mas no modo de execução criminosa, porque os crimes, tráfico de drogas você tem infelizmente em qualquer idade, mas a maneira com que ela é, ele é feito né, com que ele é conduzido, furto, é geralmente ele tem um emprego maior de violência por que tem mais hormônio, e os outros são mais cautelosos né, os mais velhos, os mais novos são mais inconsequentes, dão resultado tipo latrocínio assim, descamba, acaba virando um crime progressivo né, é uma progressão criminosa, ele acaba progredindo pelo âmbito de apresentar pros outros o resultado. Mais danoso aí acaba sendo mais inconsequente e já os mais velhos, acredito que já querem mais o furto, o fruto daquele crime né. No caso do tráfico ele quer mais o dinheiro, no caso do furto, ele não vai tanto ao dano físico a pessoa, e sim o bem que ele pode extrair disso, então acredito eu que, no requinte da execução criminosa e não no crime propriamente dito.” (Entrevista com a agente Patrícia)

Percebe-se uma constância na fala dos agentes a respeito de haver uma valentia inerente aos jovens, ao cometerem ações tidas como criminosas. No entanto, não se pode atribuir suas atitudes unicamente a uma possível valentia. Deve-se questionar se esta chamada valentia é real, ou apenas permeia o imaginário policial, ficando explícito nos seus discursos que, pode por seguinte, permear o imaginário popular.

Quando foi pedido que os agentes comparassem e dissessem se o perfil de crimes cometidos por jovens em Seropédica, e nos outros municípios da Baixada Fluminense, eram parecidos, ou não, falou-se:

Sim. Aqui Seropédica, das cidades que a gente trabalha da Baixada, é a segunda menos perigosa. Mas todas elas, nós trabalhamos com Itaguaí, Paracambi, Queimados e Japeri, a maior incidência de crime nessas áreas é o tráfico seguido de roubo, né. Em tese assim, tem muito tráfico e o tráfico ele gera o roubo, por que em tese é o usuário que rouba. A maior parte das vezes, entendeu? (Entrevista com o agente Pedro)

Bem, o que se pode observar nesta primeira seção, que objetiva trazer as primeiras representações dos agentes policiais sobre jovens que cometem delitos em Seropédica e na Baixada, diz respeito, aos tipos de crimes com maior incidência, ao grau de envolvimento juvenil, possíveis atribuições e perfis criminais em comparativo.

Percebe-se que roubos, furtos e estupros aparecem com bastante frequência nas falas dos agentes, roubo e furto ainda mais. Quando comparam os índices percebidos em Seropédica com os índices da Baixada Fluminense de modo geral, os policiais atribuem os piores índices a outros municípios da Baixada, como podemos perceber na seguinte fala de Paulo:

“Aqui eu vejo muito menor é envolvidos com o crime, quando eles vem detidos pra cá. Mas da região de Seropédica, eu não vejo muita gente, mais de outras regiões da Baixada. Aqui eu não consigo ter essa informação. Aqui de Seropédica eu não vejo, mas são mais pessoas dali de trás do Guandu, Baixada propriamente, Queimados, Nova Iguaçu, nessa favelinha daqui de trás do Guandu, que já é Nova Iguaçu, mas aqui de Seropédica eu não tenho esses dados pra te dar. Crime em si, não vejo. Quando vem roubar aqui são essas pessoas, parte de trás ali da Lagoinha. Tem muito roubo aqui, mas aí é essa questão de Nova Iguaçu, a favela aqui, tal de Grão Pará né, Lagoinha. E quando vem os flagrantes grandes, apreensões, a maioria vem de outros lugares da Baixada. Aqui é central né, pega quatro delegacias.” (Entrevista com o agente Paulo)

Desta forma, alguns atribuem a chegada da milícia para a região de Seropédica, como uma forma de controlar os crimes cometidos pelos jovens. No entanto, não falaram de nada que comprove se de fato este pode ser um fator que reduza os índices. São apenas percepções dos mesmos.

“A milícia tenta resolver. Por que eles não querem que tenha roubo na região, não que tenha tráfico de drogas, então, eles se levantam, um grupo que a gente tá tentando identificar ainda, que eles fazem a justiça pelas próprias mãos. Pra evitar que tenha roubo na cidade, evitar que tenha tráfico de drogas, eles acabam eliminando esses que procuram cometer crimes né!” (Entrevista com o agente Fabrício)

Não se pode deixar de notar que para os policiais civis entrevistados, os crimes mais citados foram todos ligados ao tráfico de drogas. O que remete aos dizeres de Zaccone:

“No Brasil, a ‘guerra contra as drogas’ é o carro chefe da criminalização da pobreza, através dos discursos de lei e ordem disseminados pelo pânico. Bala perdida, roubo de veículos, queima de ônibus e até comércio de produtos por camelôs são diferentes práticas ilícitas imputadas aos “traficantes”, que passam a constituir ‘uma categoria fantasmática, uma categoria policial que migrou para academia, para o jornalismo, para a psicologia e que não tem cara, não é mais humana. É uma coisa do mal.’” (ZACCONE, 2006, p.189)

Para os agentes, o tráfico funciona como uma porta de entrada para o mundo do crime. Percebe-se que eles atribuem esta porta de entrada a diversos motivos, como na entrevista de Vinícius, dizendo que os jovens iniciam sua carreira criminosa, por conta da ausência de possibilidades, de perspectivas de vida, onde eles precisam ver suas necessidades atendidas e por isso acabam procurando formas de ganhar dinheiro através do tráfico, seja para atender a necessidade de alimentação básica, ou de acessórios como boné, ou roupas, tênis. Muitos atribuíram à entrada da juventude no cometimento de atos ilícitos, à família mal estruturada. Para os agentes, o fato da família nuclear não conter pai, mãe e filhos, caracteriza-se em uma família desestruturada, o jovem mora com o pai e por vezes com a madrasta, que já pode ser a segunda ou terceira. Ainda existem aqueles que moram com a avó, se distanciando assim, dos padrões de família organizada e estruturada que vigoram no contexto de sociedade conservadora. Ademais os que atribuem o cometimento de ilicitudes a outros fatores como, educação e situação sócio econômica precária. Segundo os agentes, o perfil dos jovens que dão entrada na delegacia por cometerem infrações, é de jovens com um grau muito baixo de escolaridade, e jovens oriundos de famílias em condições financeiras muito limitadas. São jovens do sexo masculino, pobres, com o ensino fundamental concluído, quando muito, os que mais adentram a delegacia. Ao responder sobre o perfil sócio econômico e grau de formação, Roberto disse o seguinte:

“Baixíssimo, baixíssimo. Até a terceira série, quinta série no máximo e com uma grande dificuldade de escrita, grande dificuldade. Quando os familiares vem até a delegacia você vê que, você percebe né, as vezes quando é uma determinação, é um jovem, um adolescente é apreendido, não só o jovem como o maior também, você liga pra algum contato que ele te fornece pra poder informar: olha ele se encontra aqui, preso em flagrante e tal, no caso aí o jovem apreendido e as vezes você escuta do familiar: oh! Não posso ir aí porque eu não tenho dinheiro, não tenho nenhum tipo de condução pra me levar. Então você vê, você pode perceber a condição financeira é muito baixa.” (Entrevista com o agente Roberto)

Falando ainda das razões atribuídas ao cometimento de ilicitudes, existe a percepção de que o poder empregado ao jovem na favela quando se obtém determinados bens, o instiga e lhe promove “status”. Como Pedro salientou.

“Na favela ele vê o traficante como um símbolo né, as meninas da favela dão mole pro traficante e tudo isso é sedutor, ele usa roupa de marca, coisa e tal, ele não percebe ele vive naquele mundo isolado que ele não pode sair dali. E aquilo se torna sedutor, ele quer ser o chefe do tráfico e aí ele acaba começando como radinho depois passa pra vapor que é quem vende a droga e assim vai buscando o espaço dele dentro da hierarquia do tráfico.” (Entrevista com o agente Pedro)

O que se percebe em todas as falas e não se pode deixar passar, é o fato do tráfico de drogas ser um elemento fundamental para a carreira criminal de um jovem. Faz parte do senso comum dos agentes policiais a ideia de que o uso de drogas é a porta de entrada para o que eles chamam de mundo do crime. A partir do momento em que torna-se usuário, o jovem tem a forte tendência de ir avançando na progressão criminal. É por não ter dinheiro para comprar drogas, que a juventude começa a cometer pequenos delitos, como furtos, roubos a transeuntes, tornam-se radinhos⁷, a partir daí eles vão progredindo. Os roubos progridem para latrocínios, conseguem a posição de traficantes e desta forma vão construindo a sua carreira criminal. Sempre dando início com o uso de drogas, visando sempre ter mais prestígio e *status* no meio em que se encontra. Esta é uma opinião muito bem formada pelos policiais.

Segundo Alba Zaluar: o ethos guerreiro do jovem em conflito com a lei, no tráfico, passa pela construção de uma identidade de força, visibilidade e um status de masculinidade (Zaluar, 2007).

“E eu acho que tudo começa pela droga. Eu queria até começar a fazer um estudo aqui na delegacia, em tanto tempo, todo mundo que foi preso, chegar: como é que você começou isso? Um questionário com cada preso que chega: como é que você entrou? Você tava [sic] passando fome? Tenho certeza que a resposta vai ser não. Começou com o uso de droga.” (Entrevista com o agente Cláudio)

Como para os policiais entrevistados, os jovens encontram-se em uma carreira criminosa a partir do uso de drogas ilícitas, ainda que sejam apreendidos, ou presos, ao voltarem a

⁷ São aqueles indivíduos que observam a movimentação dentro da comunidade e avisam para os seus superiores, aqueles que se encontram dentro da boca de fumo, qualquer movimentação diferente, ou aproximação policial.

ter sua liberdade, os jovens cometem atos ilícitos novamente, acarretando em sua reincidência.

2.3.ÍNDICE DE REINCIDÊNCIA - O “ENXUGAR GELO”, PARA OS AGENTES POLICIAIS

Qual a percepção dos policiais civis sobre o número de passagens que os jovens em conflito com a lei possuem:

“Então, a reincidência nessa faixa etária é muito grande. Na faixa etária de 15 a 18 anos, ela ainda é maior né, eu tive nesse ano que ainda não acabou, a gente efetuou a prisão do mesmo menor 3 vezes no ano. Por que a sociedade critica muito a Policia, só que ela não vê é que o trabalho que tá sendo mal executado é no Judiciário. A gente diz que agente enxuga gelo, a gente prende, e com menos de um mês, até mesmo o traficante maior de idade, ou ladrão maior de idade ele é posto de volta a rua. Ai ele volta à rua, ele volta a cometer crime, e se torna um ciclo vicioso. Porque o que que acontece? A prisão pode ser feita pela Policia Civil ou pela PM, ai tem vários casos que levam a prisão, mandado de prisão, crime em flagrante, dentre outras situações. Ai, no caso do procedimento como é que ele corre? Chega aqui, é feita a prisão, essa prisão é encaminhada pro juiz, pra ele ver a legalidade da prisão, né, a gente toma os maiores cuidados possíveis né pra poder, fazer tudo dentro dos parâmetros legais pra poder a sociedade ficar livre daquele margi [sic], daquele suje [sic], daquela pessoa que vive a margem da lei e apesar de ser tudo dentro dos padrões coisa e tal, a nossa justiça ela tem uma cultura, não sei por quê motivo de beneficiar muito o marginal. E ai acaba que a pena dele é exaurida muito rápido e ai ele é posto no convívio da sociedade muito rápido e a maior parte das vezes não deu tempo nem dele pensar nas besteiras que ele fez.” (Entrevista com o agente Pedro)

“Uma boa parte dele, né, uma boa parte deles, já tiveram passagens anteriores, né. Por que eles sabem, eles vão ser apreendidos agora daqui a... amanhã, daqui a dois dias já estão na rua, os que tem mais de 18 anos saem quase que com a mesma rapidez que os outros, então eles já sabem que tão sendo apreendidos ou presos e que vão ser soltos daqui a 2, 3 dias e que vão voltar a delinquir, e vão voltar pra cá de novo e fica esse ciclo, não é? O que eu quero dizer pra você? O policial acaba se sentindo, como se estivesse enxugando gelo, percebe? É essa a grande dificuldade que se vive hoje.” (Entrevista com o agente Vinícius)

Este grande índice de reincidência é a mostra, para o policial, de que o trabalho dele não traz os resultados que a sociedade espera. Que na opinião deles, é punibilidade de indivíduos que cometem delitos. No entanto, a garantia desta punição, que no caso se trata do individuo permanecer preso, não cabe aos policiais. Por isso, eles se sentem impotentes neste âmbito e culpam a Justiça, e o Estado de modo geral por eles “Enxugarem gelo”. Esta expressão, foi muito utilizada pelos agentes, para nomear o ciclo de impunidade que ocorre quando uma pessoa é presa e em seguida é posta novamente às ruas. Não pagando pelo crime que cometeu, então, os policiais prendem, a justiça solta, fazendo com que o

CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 25 (2017), pp. 1-296.

trabalho da polícia seja um grande “enxugar gelo”. Desta forma, o número de reincidentes se torna cada vez maior. Nesse sentido, a policial afirma que a reincidência é na maioria dos casos:

“A grande maioria né. O crime geralmente chega a ser é se acostuma, já acredita que isso é normal, a grande maioria já não é a primeira passagem ou se passou já, já tem uma incidência delituosa muito grande, quando chega aqui já tá habituado já, no mundo do crime. Infelizmente.” (Entrevista com a agente Patrícia)

O “enxugar gelo” para os policiais entrevistados é algo que os incomoda e de certa forma, faz com que seu trabalho perca o sentido, e faz com que os mesmos pensem a utilidade de prender tais pessoas. Mexe com a auto estima do policial quanto ao seu fazer, o que pode trazer a tona o questionamento se medidas que evitem que os jovens comecem a cometer atos ilícitos seriam capazes de reduzir a frequência de atos infracionais cometidos por jovens.

2.4.MEDIDAS QUE OS POLICIAIS ACREDITAM SEREM POSSÍVEIS PARA REDUZIR O ÍNDICE DE CRIMES COMETIDOS POR JOVENS

Ao serem perguntados se eles acreditam que alguma medida poderia ser implementada para redução criminal entre os jovens, os agentes deram as seguintes respostas:

“Tu perguntar isso prum [sic] policial no Brasil é meio complicado né. Tenho a uma opinião muito bem formada sobre isso. Mas o que as pessoas querem ouvir é que a saída tá na educação, na saúde, e bá bá bá e Pererê [sic]. Mas acho que ninguém tá preocupado com isso, mas é outra discussão. Enfim, eu tenho a opinião formada e acho que não vai... Porque aqui não tem, a opinião formada que eu tenho é que aqui no Brasil não tem mais saída, ninguém tá preocupado em fazer nada entendeu? Todo mundo sabe que tem que investir em saúde, em educação e tal, mas ninguém tá preocupado com isso então a gente fica trabalhando pra combater e vai virando um ciclo que não acaba, que não acaba e que não vai acabar. Ai você pensa em aumentar a pena, não sabe também se vai dar certo. No Brasil só daqui há 300 anos sei lá, pra ser otimista! Não tem mais jeito não.” (Entrevista com o agente Paulo)

“Eu acho que tudo passa... primeiro a impunidade, hoje em dia, ainda mais com essas audiências de custódia aí conheço um caso de um jovem que foi preso com 14 kg de maconha, foi pra audiência de custódia no dia seguinte tava na rua. E aí que que passa pra um jovem desse: ah! To na rua! Posso fazer que não vai acontecer nada. Impunidade. A segunda, droga! Sou radicalmente contra as drogas. Acho que quem consome deveria sofrer uma sansão maior porque é ele que fomenta a indústria. O cara que hoje anda com um fuzil pra roubar na rua ele conseguiu essa arma lá no tráfico. Esse negócio de ah se legalizar reduz porque a.. mentira! Por que querem legalizar a maconha e a cocaína que é o que mais se consome no Brasil e o craque e outros? Eu não digo nem prisão

por que se não você vai lotar um sistema que já está em colapso. Mas adotar sanções pra inibir o consumo, entendeu?” (Entrevista com o agente Cláudio)

“É nós precisamos de políticas públicas, né, no campo sócio econômico, políticas públicas na área social, nós precisamos ter os olhos voltados para a questão da educação, a educação é prioridade, todo mundo vai falar isto né, mas não só educação, infraestrutura, uma série de questões que foram abandonadas pelo poder público que resulta, que tem reflexo direto na questão da segurança pública. Não é? Precisamos, é imperioso que se volte o olhar pra isso. Se eu quero reverter esse quadro que nós vivemos hoje, a gente precisa imediatamente começar a se pensar nisso, né? Como criar um sistema de educação em que o jovem fique mais tempo na escola, e que a gente possa dar outras ocupações pra ele, dar outras opções pra eles, que eles possam ser absorvidos pelo mercado de trabalho, pra isso, eu preciso qualifica-los, pra que eles entrem no mercado de trabalho precisa ter qualificação, se a gente não dá qualificação alguma, como é que eu vou, como é que o mercado de trabalho vai absorver essa mão de obra, então, não tendo isto, o adolescente, o jovem ele fica sem outra opção e a opção dele é ir para o crime, então não tem jeito, então tá cada vez pior. Eu to [sic] falando aqui mas isso é muito claro, eu não sei porque as pessoas fingem que não vêem. Como eu já to [sic] com 60 anos, já to [sic] me aposentando já posso falar certas coisas.” (Entrevista com o agente Vinícius)

Salvo uma fala dizendo não ter saída para que se reduza o índice de crimes cometidos por jovens, todas as outras se remetem ao Estado como responsável por medidas. A presença do Estado seja através de incentivos para os jovens trabalharem perto de casa, seja com políticas públicas voltadas a educação e programas sociais. A ação do Estado também é vista em medidas para aumentar as sanções, visando inibir o uso das drogas, já que para os policiais, como já falado, esta é a porta de entrada do crime. Além de aumentar a punibilidade, para que a sensação que os indivíduos tem de que não sofrerão nenhum dano, possa diminuir. Então percebe-se, como os policiais entendem a ação do Estado como imprescindível e urgente, para que se reduza tamanhos índices criminais entre os jovens.

2.5. CRIMINALIZAÇÃO DOS JOVENS POBRES

Os policiais falaram sobre sua opinião no que tange a estigmatização da juventude pobre. Foi perguntado aos agentes se eles acreditam que existe esta criminalização e estigmatização, e se existe, a causa da mesma.

“É. Eu acho que são criminalizados sim, por que é hábito da sociedade quando passa próximo de uma comunidade, se sentir mais insegura, e

quando tá na Zona Sul da cidade, ela achar que tá num lugar melhor por que ela alí tem um pessoal de um poderio aquisitivo maior, né. Então você acaba rotulando o jovem da favela. Mas também acho que isso não é justificativa pra ele cometer crime. Da mesma forma que eu já fiz prisão na zona sul do Rio, eu já fiz prisão em lugares horríveis do Rio, e pelo mesmo crime, entendeu, então, não tem um padrão social. É situação mais de caráter do que de família e educação. É, boa parte dessa visão se dá por que a mídia em geral, ela já cria o rótulo para aquele local. **A nossa sociedade criou um padrão étnico racial do criminoso né, em tese ele é o jovem, negro, pobre, que mora na favela e a maior parte da concentração de moradores da favela, é jovem e negro. E aí quando você se depara com aquela pessoa, que vive numa condição social, financeira ruim, ela em tese tem uma feição mais ruim, mais feia [sic], e aí você associa aquela feição feia ao crime e com isso você cria um rótulo, um preconceito com quem mora ali.** Mas isso daí foi a mídia que foi criando, as novelas, com o tempo, os filmes, difícil você ver o bandido da favela ser um jovem loiro, de olho azul, da zona sul da cidade. Entendeu?” (Entrevista com agente Pedro) (Grifo nosso)

“Olha, é, por certo e isso é uma coisa natural, se você tiver num ônibus né, numa condução e entrarem adolescentes com determinado estereótipo, você vai se preocupar. Se você estiver conduzindo o seu carro e vem um grupo de adolescentes de lá pra cá, numa determinada situação, você vai se preocupar. Então eu acho que a sua pergunta foi nesse sentido. Eles são estereotipados, são. Claro que são estereotipados, e penso até que é uma defesa da própria pessoa, não é por preconceito, não é bem isto. Mas a gente acaba estereotipando, as pessoas acabam estereotipando. Por conta de como eu falei da defesa da própria pessoa. Entendeu? As pessoas acabam estereotipando acabam achando que todos os adolescentes daquela situação ou todos os adolescentes em determinada comunidade é envolvido com o crime, quando na verdade a gente sabe que não é né? Então há sim, um certo preconceito, há. Há um estereótipo, certamente, não pode negar isso. Você tá fazendo um trabalho de pesquisa e não vai ser eu que vou contar história pra você. Entendeu?” (Entrevista com o agente Vinícius)

Interessante perceber como para os agentes, há estigmatização da juventude pobre, mas, por conta de elementos que se bem analisados, são intrínsecos a ela mesma. Então a juventude é criminalizada, mas, por causa de atributos que caracterizam estes jovens. Sua aparência física parecida com o padrão étnico racial socialmente construído. Ou, ainda quando se fala que a criminalização advém do medo, claramente, é direcionado a determinado tipo de pessoa que causa a sensação de medo.

No Brasil, a taxa de homicídios de jovens é bem maior do que a taxa de homicídios das outras faixas etárias, seja mais velha, ou mais nova (WAISELFISZ, 2015). Além disso, sabe-se que os homicídios na Baixada Fluminense apresentam um grande índice. A partir de dados fornecidos pelo Instituto de Segurança Pública, o ISP, no ano de 2014 a taxa de homicídios a cada 100 mil habitantes em Seropédica era de 84. Motivada por tal

estatística, iniciei a presente pesquisa visando focar nos homicídios ocorridos no município. Surpreendi-me, no entanto, quando ao falar de homicídios, os policiais civis, relataram haver números tão baixos, ou nenhum registro de homicídio. Até mesmo, pelo fato de Seropédica se encontrar na mesma Região de Áreas integradas de Segurança Pública (RISP/AISP), que os municípios de Itaguaí, Paracambi, Queimados e Japeri. Formando uma área integrada, dentre outras áreas, separadas pelo Instituto de Segurança Pública.

Segundo o ISP, se comparar o primeiro trimestre do ano de 2016, com o mesmo período do ano de 2015, os delitos de letalidade violenta de 2016, são bem maiores. Totalizando janeiro, fevereiro e março de 2015, 79 casos enquanto que o mesmo trimestre de 2016, conta com o número 96 crimes. Deve-se considerar que os índices não são particulares dos municípios, e sim, o somatório deles. Incluindo o município de Seropédica, onde segundo a maior parte os agentes policiais, ocorre pouquíssimos homicídios. Além de se levar em consideração, o fato que os próprios policiais citaram, de que existe uma Delegacia de Homicídios da Baixada Fluminense (DHBF), localizada no município de Belford Roxo, tendo a possibilidade dos casos de homicídios, serem levados diretamente para esta, não passando pelo conhecimento deles, como os demais delitos e principalmente flagrantes, sendo a 48ª uma central de flagrantes. O que faria então, com que estes casos de homicídio, realmente, não chegassem ao conhecimento destes policiais.

Nas falas dos agentes policiais citadas anteriormente, encontra-se, com facilidade os mesmos falando sobre as ações do Estado, que deveria ser mais presente, principalmente através de políticas públicas, programas sociais, investindo em programas de estágios, cursos, para prevenir que os jovens comecem a cometer crimes. Os policiais tem a consciência de que a Polícia é consequência, quando ao longo da vida do jovem algo deu errado⁸, ele comete um delito e então entra a Polícia. A ação policial então, é consequência de alguma medida preventiva inexistente ou que não foi bem sucedida em alguma área na vida do jovem, permitindo então que este cometa atos ilícitos. Porém, como para os agentes, estas medidas preventivas não acontecem na realidade, eles combatem sempre o efeito causado por esta ausência do Estado.

⁸ Deve ser levado em consideração que esta pode não ser o único contato de um jovem com a polícia. Muitos destes jovens, crescem em áreas onde a polícia militar tem uma ação ostensiva, gerando medo e criando uma relação por vezes conflituosa com a juventude.
CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 25 (2017), pp. 1-296.

Desta forma, como o Estado sempre deixa esta lacuna, os jovens acabam cometendo atos ilícitos, segundo a visão dos policiais. Então estes, indicam sempre o uso de drogas como sendo culpado pela progressão criminal na carreira dos jovens. Os policiais tem um discurso muito bem formado de guerra às drogas, eles culpam o uso de entorpecentes por todo o caos na segurança pública. Desta forma, culpabilizando o tráfico, se legitima toda a lógica de guerra às drogas, com um grande investimento em armamento e operações demasiadamente violentas e abusivas. Guerra essa que não é contra o uso de drogas, a verdadeira guerra do Estado se torna contra a juventude majoritariamente negra, pobre e criminalizada historicamente pela grande parcela da sociedade, mas também pelos próprios discursos dos policiais reforçando os estereótipos que já existem. Quem são os jovens que cometem atos ilícitos na visão dos agentes da segurança pública que foram entrevistados? São os jovens que adentraram “o mundo do crime,” como os próprios agentes o chamam, que muitas vezes morrem em conflitos internos por territórios, e poder. São os jovens que desde sempre são criminalizados, e que por falta de oportunidade, família mal estruturada, com perfil sócio econômico muito precário e com grande índice de evasão escolar. Também, cometem delitos, os jovens que não tem caráter, uma vez que, na visão de muitos destes policiais, é o caráter que define quem o jovem vai ser, e não, as condições externas, já que nenhuma variável, para os agentes, justifica a adesão do jovem no mundo do crime.

Conclusão

“A Polícia do Rio de Janeiro é a Polícia que mais mata, mas também é a Polícia que mais morre”, disse um policial civil durante a entrevista feita para a referida monografia. Ao ouvir as representações sociais dos policiais civis a respeito dos jovens que cometem ilicitudes, é notório em seu discurso a legitimação de suas ações abusivas e hostis, como visto no pequeno trecho acima. Além disso, para eles, o uso de drogas é sempre a porta de entrada para o que chamam de “mundo do crime”. O simples uso da maconha, segundo os policiais, acarreta numa carreira progressiva no uso de outras drogas e principalmente na progressão criminal. Desta forma, justificando e legitimando o discurso da guerra as drogas. Os policiais entrevistados tem a consciência que os jovens moradores de periferias são criminalizados e estigmatizados, os jovens que chegam na 48ª Delegacia de Polícia, segundo eles são no geral bem pobres e no entanto fazem questão de reforçar que nada justifica o cometimento de crimes. A relação entre jovens e policiais se configura em uma relação de desconfiança e de tensão. A policia com seus métodos (i)legais e usuais

transforma jovens em indivíduos suspeitos, usando de sua autoridade para os coagir, segundo a percepção dos próprios jovens. Principalmente para aqueles que são negros que são duplamente criminosos em potencial, visto que são jovens e negros, pertencentes de duas categorias criminalizadas, fora todo o seu vestuário, gírias e gestual, igualmente criminalizados. Assim o jovem se percebe diante da polícia. E percebe os policiais como aproveitadores, oportunistas, que cometem crimes tantas vezes e permanecem impunes. As representações sociais produzidas pelos policiais a respeito dos jovens que cometem ilicitudes, está dentro de um contexto onde jovens, pobres e negros, que são a maioria destes jovens envolvidos com atos ilícitos, são criminalizados, marginalizados, reforçando os estereótipos, que foram confirmados nos discursos dos policiais. Neste trabalho, foi possível trazer perspectivas juvenis, através de pesquisas bibliográficas, porém optou-se por ouvir policiais. O que foi de grande importância, deste modo, foi possível perceber que expressões usadas por eles, tem um grande significado no seu fazer profissional. Para os policiais, “enxugar gelo” é algo que muito os preocupa e incomoda. Eles sentem que o trabalho deles não dá resultado, e para eles, a sociedade ainda os culpa por não fazerem devidamente seu trabalho, visto que, os indivíduos que cometem infrações passam pouco tempo presos. No entanto, também se faz muito necessário, ouvir os jovens neste processo. Ouvir suas representações, saber como percebem os estigmas, se é que os percebem desta maneira, ouvi-los no que tange a sua relação quando diante de policiais, seja por operações, abordagens, ou em tantas outras possíveis circunstâncias.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carla Coelho de. **Entre gangues e galeras: juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal**. Brasília: Tese de doutorado em Antropologia Social, Universidade de Brasília, 2007.

CANO, Ignácio. RIBEIRO, Eduardo. **Vitimização letal e desigualdade no Brasil evidências em nível municipal**. Porto Alegre: Civitas; v. 16, n. 2, p. 285-305, abr./ jun. 2016.

CASTRO, João Paulo Macedo e. **A invenção da juventude violenta: análise da elaboração de uma política pública**. Rio de Janeiro: E-papers: Laced/ Museu Nacional, 2009.

FERRAZ, Cláudio Armando. **Manual de abordagem e revista a pessoas**. Rio de Janeiro: Riosegurança, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes, - 4ª edição, [reimpr], - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MISSE, Michel. **Crime, sujeito e sujeição criminal: Aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”**. São Paulo: Lua Nova; n. 79, p. 15-38. 2010.

MUNIZ, Jaqueline. **A Crise de Identidade das Polícia Militares Brasileiras: Dilemas e Paradoxos da Formação Educacional**. Security and Defense Studies Review; v.1, winter, 2001.

MUSUMECI, Leonarda. RAMOS, Silvia. **Elemento suspeito abordagem policial e discriminação na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

PORTO, Maria Stela Grossi. **Crenças, valores e representações sociais da violência**. Porto alegre: Sociologias; ano 8, n.16, p. 250-273, jul./ dez. 2006.

RAMOS, Silvia. **Juventude e polícia**. Rio de Janeiro: Centro de estudos de segurança e cidadania; ano 5, n. 12, p. 1-16, out. 2006.

SILVA, Gilvan Gomes da. **A lógica da Polícia Militar do Distrito Federal na construção do suspeito**. Brasília: Dissertação de Mestrado ao departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, 2009.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. **Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade no Brasil urbano**. Brasília: Sociedade e estado; v.19, n.1, p. 53-84, jan./ jun. 2004.

SINHORETTO, Jacqueline (coord.). A filtragem racial na seleção policial de suspeitos: segurança pública e relações raciais. In: **Pensando a segurança pública**. v. 5. Brasília: Direitos humanos, grupos vulneráveis e segurança pública, 2014

TRAD, Leny Alves Bomfim (coord.). Segurança pública e questões raciais: abordagem policial na perspectiva de policiais militares e jovens negros. In: **Pensando a segurança pública**. v.6. Brasília: Direitos humanos, grupos vulneráveis e segurança pública, 2016.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2016 homicídios por arma de fogo no Brasil**. FLACSO Brasil, 2015.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Juventude viva mortes matadas por armas de fogo**. Brasília: Secretaria Geral da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2015.

ZACCONE, Orlando. **Discursos sediciosos crime, sujeito e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2006.

ZALUAR, Alba. **Democratização inacabada: fracasso da segurança pública**. São Paulo: Estudos Avançados, v. 21, n. 61, p. 31-49, set./ dez., 2007.